

E alerta: só com união haverá saída para crise

ACAPULCO — “Acabou a era de esperar de fora a ajuda salvadora. Não existe vontade política dos países industrializados para retirar a América Latina de seu trágico atraso. Teremos de lutar sozinhos. A dívida, o abandono, o baixo preço das matérias-primas, os juros, as sanções, as retaliações, tudo nos indica que não devemos ter ilusões. Tudo nos aponta uma direção. A História nos chamou para essas responsabilidades: a integração e a cooperação.” As afirmações são do presidente José Sarney, feitas ontem na sessão pública de abertura da reunião dos presidentes que integram o Grupo dos Oito (Brasil, México, Argentina, Colômbia, Uruguai, Peru, Venezuela e Panamá).

Em seus pronunciamentos, todos os presidentes latino-americanos foram unânimes em criticar o descaso das nações desenvolvidas para com a América Latina e em pedir uma forte integração do Continente, como forma de superar definitivamente os seus problemas históricos principalmente o atraso tecnológico, a dívida externa e os conflitos armados.

Para o presidente Sarney, “a América Latina não pode ser um território nem uma sombra de confronto. Não podemos ser instrumentos de manobras. A América Latina não pode ser devorada pela incapacidade de vencer a inflação, que é uma constante em nossas economias. A América Latina não pode ser uma reserva de mercado para um mundo de tecnologias desenvolvidas e uma região condenada à colonização científica e cultural. A América Latina não pode ser o Continente da retórica, do pessimismo, do lamento. Da busca das revoluções impossíveis. Dos messias postergados; da revolta, da censura, da tristeza. A América Latina tem de ter a consciência da saída, de suas potencialidades, de sua soberania, de sua presença no futuro.

Onde está o caminho?, indaga Sarney, respondendo em seguida: “Na integração. Na economia dos conjuntos. Na superação dos conflitos locais. Na unidade. Todos temos um direito no mundo. O direito de progredir”.

Segundo Sarney, “novos ventos” sopram no Continente: “Os ventos de independência. Os ventos da autonomia. Do pleno exercício de nossas políticas externas sem os grilhões das grandes potências nem a limitação menor dos pequenos conflitos”.

“PERVERSO”

O presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, usou praticamente o mesmo tom de Sarney: “Não viemos aqui para levar de volta à nossa gente uma mensagem retórica”, disse ele ao pregar a necessidade de definição de um projeto político para o Continente. “Um projeto que assegure para sempre a democracia que recuperamos, que nos permita consolidar a paz e que sirva para tornar possível o crescimento de nossas sociedades

em conjunto, em liberdade, com justiça e independência”.

O presidente argentino disse que não se pode aceitar que o Sul pague os desequilíbrios do Norte e acusou o atual sistema econômico internacional de perverso na distribuição desigual das riquezas. Alfonsín exortou os países ricos a que “reconheçam e compreendam até que ponto as atuais condições econômicas impedem nosso desenvolvimento e nos condenam ao atraso. Prova disso é a questão da dívida externa e a queda dos preços dos nossos produtos”. Raúl Alfonsín disse ainda que não aceita a possibilidade de que a América Latina seja sempre atrasada e instável, e manifestou sua descrença nas doutrinas clássicas para se obter o desenvolvimento da região.

O presidente do Peru, Alan García, por sua vez, culpou a dominação internacional pelo atraso histórico e pela instabilidade política da América Latina. “Sofremos porque somos divididos, isolados e separados.” Para ele, é chegada a hora de atuar para que “nossos povos vivam sem tutela e sem dominação”.

“A crise de hoje — disse García — revela que necessitamos muito dos capitais dos países ricos, de sua tecnologia. Mas ela também revela que eles precisam de nós e de nossos mercados para seus capitais inflados por taxas de juros especulativos. A hora da Americana Latina não é somente defender-se da crise, mas chamar a atenção do mundo e dos países industrializados para o imperativo de reconstruir o sistema econômico mundial e abolir a ditadura monetária do dólar, que nos impuseram durante mais de 40 anos.”

Sobre a dívida externa, Alan García destacou um “princípio essencial: a lei moral de cada devedor deve ser sua real capacidade de pagamento. Não há outro princípio. Cada um de nós tem o direito, em nome de seus povos, de não pagar mais do que sua economia permita pagar, e de não pagar, se sua situação social não permitir. Essa é a nossa lei moral”.

UNIDADE

O presidente Julio Maria Sanguinetti, do Uruguai, também destacou em seu pronunciamento um tratamento mais justo para a dívida externa, fazendo um apelo à unidade latino-americana.

“Esta América que um dia foi dividida pelos impérios em uma América lusitana e uma América espanhola, em cima de um mundo indígena, com a participação dramática da África, clama agora pela unidade.”

No mesmo diapasão, o presidente mexicano Miguel de La Madrid destacou: “Separados somos frágeis, unidos e solidários ganhamos um vigor sem paralelo. Este é o grande ensinamento e mensagem do país da independência e, em primeiro lugar, de Simon Bolívar, fundador da América Latina”.